BOCA
BOLETIM DE CONJUNTURA

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, PRÁTICAS CORPORAIS E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES: EXPERIÊNCIAS DE ESTUDANTES DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO

SCHOOL PHYSICAL EDUCATION, BODY PRACTICES, AND THE PRODUCTION OF SUBJECTIVITIES: EXPERIENCES OF 3RD-YEAR HIGH SCHOOL STUDENTS

EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR, PRÁCTICAS CORPORALES Y PRODUCCIÓN DE SUBJETIVIDADES: EXPERIENCIAS DE ESTUDIANTES DEL 3.ER AÑO DE EDUCACIÓN SECUNDARIA

https://doi.org/10.56238/bocav25n83-007

Data de submissão: 12/09/2026 **Data de publicação:** 12/10/2026

Vânia Feltrin Jardim
Licenciada em Educação Física
Instituição: Universidade da Região da Campanha (URCAMP)
E-mail: vania-fjardim@educar.rs.gov.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0008-8996-0222
Lattes: http://lattes.cnpq.br/6035978237456526

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar como estudantes do terceiro ano do ensino médio vivenciam diferentes práticas corporais nas aulas de educação física e de que maneira essas experiências se relacionam com a produção de subjetividades. Trata-se de uma pesquisa participante, de abordagem qualitativa, com caráter descritivo e interpretativo, desenvolvida em uma escola pública estadual do município de Bagé/RS, com a participação de 15 estudantes. A investigação foi realizada por meio de registros em diário de campo produzidos pela professora-pesquisadora, considerando as relações estabelecidas com o corpo, as formas de participação e as interações durante as aulas. Foram analisadas dez horas-aula, envolvendo modalidades coletivas e individuais, incluindo futsal, voleibol, handebol, basquetebol e atletismo. Os resultados apontaram distintas formas de relação dos estudantes com as práticas corporais, observando-se maior aproximação com algumas modalidades coletivas, enquanto as práticas individuais revelaram percepções relacionadas ao desempenho corporal e aos desafios propostos. Os registros analisados reforçaram a importância da mediação pedagógica para favorecer a inclusão, o respeito às diferenças e a convivência coletiva. Conclui-se que as práticas corporais nas aulas de educação física constituem espaços de aprendizagem, socialização e construção de significados sobre o corpo e as relações sociais, contribuindo para a produção de subjetividades no contexto escolar.

Palavras-chave: Educação Física. Práticas Corporais. Ensino Médio.

ABSTRACT

This article aims to analyze how third-year high school students experience different body practices in physical education classes and how these experiences relate to the production of subjectivities. This is

a participant research, with a qualitative approach, with descriptive and interpretive character, developed in a state public school in the municipality of Bagé/RS, with the participation of 15 students. The investigation was conducted through field diary records produced by the researcher-teacher, considering the relationships established with the body, forms of participation, and interactions during classes. Ten class hours were analyzed, involving collective and individual modalities, including futsal, volleyball, handball, basketball, and athletics. The results pointed to different forms of relationship between students and body practices, observing greater approximation with some collective modalities, while individual practices revealed perceptions related to body performance and proposed challenges. The analyzed records reinforced the importance of pedagogical mediation to favor inclusion, respect for differences, and collective coexistence. It is concluded that body practices in physical education classes constitute spaces for learning, socialization, and construction of meanings about the body and social relations, contributing to the production of subjectivities in the school context.

Keywords: Physical Education. Body Practices. High School.

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo analizar cómo estudiantes de tercer año de educación media vivencian diferentes prácticas corporales en las clases de educación física y de qué manera estas experiencias se relacionan con la producción de subjetividades. Se trata de una investigación participante, de abordaje cualitativo, con carácter descriptivo e interpretativo, desarrollada en una escuela pública estatal del municipio de Bagé/RS, con la participación de 15 estudiantes. La investigación fue realizada por medio de registros en diario de campo producidos por la profesora-investigadora, considerando las relaciones establecidas con el cuerpo, las formas de participación y las interacciones durante las clases. Fueron analizadas diez horas-clase, involucrando modalidades colectivas e individuales, incluyendo futsal, voleibol, balonmano, baloncesto y atletismo. Los resultados apuntaron distintas formas de relación de los estudiantes con las prácticas corporales, observándose mayor aproximación con algunas modalidades colectivas, mientras que las prácticas individuales revelaron percepciones relacionadas al desempeño corporal y a los desafíos propuestos. Los registros analizados reforzaron la importancia de la mediación pedagógica para favorecer la inclusión, el respeto a las diferencias y la convivencia colectiva. Se concluye que las prácticas corporales en las clases de educación física constituyen espacios de aprendizaje, socialización y construcción de significados sobre el cuerpo y las relaciones sociales, contribuyendo para la producción de subjetividades en el contexto escolar.

Palabras clave: Educación Física. Prácticas Corporales. Educación Media.

1 INTRODUÇÃO

A educação física escolar desempenha um papel fundamental na formação integral dos estudantes, proporcionando experiências corporais, sociais, culturais e afetivas que contribuem para o desenvolvimento humano. Mais do que ensinar técnicas esportivas, esse componente curricular possibilita o contato com diferentes manifestações da cultura corporal, favorecendo a construção de conhecimentos, valores e atitudes relacionados ao corpo e às relações estabelecidas no ambiente escolar. Nessa perspectiva, Neira (2018) destaca que a educação física cultural amplia as possibilidades de ensino e aprendizagem ao valorizar a diversidade das práticas corporais e reconhecer os estudantes como sujeitos ativos na produção do conhecimento.

No contexto escolar, as práticas corporais constituem espaços de interação, nos quais os sujeitos compartilham saberes, enfrentam desafios e constroem diferentes significados sobre si mesmos e sobre o outro. Essas experiências participam dos processos de formação de identidades e de produção de subjetividades, compreendidas como construções relacionadas às dimensões sociais, culturais e pedagógicas presentes no cotidiano. A partir das contribuições de Foucault (2014), compreende-se que o corpo é atravessado por relações de poder que influenciam os modos pelos quais os sujeitos se constituem.

Nesse sentido, a escola assume papel essencial na construção de propostas educativas que valorizem a inclusão, o respeito às diferenças e as diferentes formas de participação. As aulas de educação física, fundamentadas em uma perspectiva crítica e cultural, possibilitam reflexões sobre corpo, gênero, cooperação, convivência e diversidade, ultrapassando uma abordagem centrada exclusivamente no desenvolvimento motor. Para Daolio (1995), a atuação da educação física implica compreender e intervir sobre a sociedade na qual o corpo está inserido, reconhecendo que as manifestações corporais são constituídas por significados culturais e sociais.

A relevância desta pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar os conhecimentos sobre a educação física escolar, contribuindo para a reflexão acerca das possibilidades educativas desse componente curricular e das relações construídas pelos estudantes no ambiente escolar.

Diante desse cenário, emerge o seguinte problema de pesquisa: de que forma as práticas corporais desenvolvidas nas aulas de educação física contribuem para a produção de subjetividades e para a valorização das diferenças culturais, de gênero e sociais no ambiente escolar?

Com o propósito de responder a esse questionamento, esta pesquisa teve como objetivo analisar como estudantes do terceiro ano do ensino médio vivenciam diferentes práticas corporais nas aulas de

educação física e de que maneira essas experiências se relacionam com a produção de subjetividades. O estudo foi realizado com 15 estudantes de uma escola pública estadual do município de Bagé, Rio Grande do Sul.

2 CORPO, CULTURA E RELAÇÕES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

De acordo com Bracht (2023), a educação física tem como objeto de estudo o movimento corporal humano, manifestado por meio de diferentes práticas da cultura corporal, como jogos, esportes, exercícios ginásticos, danças, lutas e outras formas de expressão do movimento. As experiências corporais desenvolvidas nas aulas de educação física contribuem para vivências motoras, sociais, culturais e educativas, possibilitando aos estudantes interações com o mundo e com os outros.

Historicamente, a educação física esteve fortemente vinculada a uma concepção biologicista e mecanicista do corpo, compreendido como uma máquina a ser treinada, disciplinada e aperfeiçoada. Nessa perspectiva, predominavam os interesses relacionados à aptidão física, ao desempenho e ao rendimento esportivo. De acordo com Michel Foucault (2014), os historiadores dedicam-se há muito tempo ao estudo da história do corpo, analisando não apenas aspectos demográficos, fisiológicos e metabólicos, mas também as relações de poder que atravessam os sujeitos. Para o autor, o corpo torna-se alvo de mecanismos de disciplina e controle, sendo submetido a normas e práticas que visam produzir indivíduos úteis, dóceis e produtivos.

Nesse contexto, compreender a trajetória histórica da educação física torna-se fundamental para analisar as diferentes concepções de corpo e de formação humana que orientaram a área ao longo do tempo. Pacheco Neto (2022) destaca cinco tendências da educação física brasileira: higienista, militarista, pedagogicista, competitivista e educação física popular. Segundo o autor, “o ser humano sempre existiu e sempre existirá em tempos distintos e, por conseguinte, em contextos distintos. Cabe a nós, da educação física, entender a trajetória de nossa área dentro dessa perspectiva” (PACHECO NETO, 2022, p. 19). Dessa forma, a compreensão histórica da educação física permite reconhecer que suas práticas, objetivos e significados são construções sociais e culturais, influenciadas pelas necessidades e valores de cada época.

A partir da década de 1980, com a influência das teorias críticas da educação, essa compreensão passou a ser questionada. O corpo deixou de ser visto apenas sob uma perspectiva biológica e passou a ser compreendido como uma construção histórica, social e cultural, constituída pelas diferentes práticas da cultura corporal.

Daolio (1995) ressalta que o corpo é fruto da relação entre natureza e cultura e que o conjunto de posturas e movimentos corporais representa valores, normas e princípios culturais de uma sociedade. Nesse sentido, todas as práticas institucionais que envolvem o corpo estão permeadas por significados sociais, e a educação física faz parte desse contexto, seja por meio de atividades educativas, recreativas, expressivas ou formativas, considerando o ser humano como sujeito ativo da vida social.

Segundo Neira (2018), a educação física cultural promove a experimentação das práticas corporais e favorece a participação ativa dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Ao vivenciarem diferentes manifestações da cultura corporal, os alunos podem assumir diversos papéis sociais, atribuir novos significados às experiências corporais e tornar-se protagonistas na produção do conhecimento.

A partir das perspectivas apresentadas, compreende-se que a educação física ultrapassa uma visão estritamente biológica do corpo, passando a entender as práticas corporais como produções culturais construídas historicamente por diferentes grupos sociais. Nesse contexto, o contato dos estudantes com variadas manifestações da cultura corporal favorece a ampliação de repertórios, o aprofundamento das aprendizagens e a atribuição de novos significados às práticas corporais, além de contribuir para o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural presente na sociedade.

3 SUBJETIVIDADE, CORPOREIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A subjetividade está relacionada às maneiras pelas quais os sujeitos constroem percepções, sentimentos, experiências e sentidos sobre si mesmos e sobre o mundo em que vivem. Daolio (1995), ao abordar a antropologia social, compreende o ser humano como um sujeito inserido em relações sociais e culturais, capaz de produzir sentidos e atribuir significados às suas ações e experiências. Nessa perspectiva, a cultura influencia a forma como os indivíduos interpretam a realidade e constroem suas identidades. Segundo Laplantine (1988 apud DAOLIO, 1995), a antropologia social constitui o estudo das sociedades em suas diversas dimensões, incluindo aspectos políticos, econômicos, sociais, religiosos, artísticos e culturais. Além disso, busca compreender o ser humano em diferentes épocas históricas, analisando suas práticas, costumes, valores e formas de organização social. Dessa forma, a compreensão da subjetividade envolve a análise dos contextos socioculturais e das múltiplas experiências que contribuem para a formação das percepções, valores e significados atribuídos pelos sujeitos ao mundo em que vivem. “Toda e qualquer observação que o pesquisador possa fazer ao

analisar um grupo específico será mediada pelo seu referencial cultural expresso na sua subjetividade" (DAOLIO, 1995, p. 25).

Neira (2018) destaca a importância do reconhecimento e da valorização do repertório cultural da sociedade por meio das práticas corporais. Para o autor, as diferentes manifestações da cultura corporal, como brincadeiras, esportes, ginásticas, lutas e danças, com as quais os estudantes se identificam. Ao participar ativamente dessas práticas e refletir sobre elas, os estudantes ampliam seus conhecimentos, desenvolvem o respeito à diversidade cultural e atribuem novos significados às experiências corporais, contribuindo para a formação crítica e para a construção de identidades e modos de ser.

Nessa perspectiva de valorização da cultura corporal e das experiências dos sujeitos, a corporeidade assume papel fundamental na educação física escolar. Segundo Pacheco Neto (2022), a corporeidade na educação física está voltada para a humanização dos sujeitos e não para sua robotização. Nesse sentido, as práticas corporais desenvolvidas no ambiente escolar, especialmente nas quadras e demais espaços de convivência, proporcionam experiências que valorizam a expressão corporal, as relações sociais e a formação integral dos estudantes e suas subjetividades. Compreende-se que uma formação significativa por meio da educação física possibilita a vivência da corporeidade em diferentes práticas, como os esportes, contribuindo para a construção de hábitos saudáveis e para a valorização da cultura corporal. Os estudantes que hoje participam dessas experiências tendem a levar esses conhecimentos para a vida adulta, praticando atividades físicas em parques, pistas de caminhada, academias e outros espaços sociais. Dessa forma, evidencia-se a relevância da atuação do professor de educação física na formação de cidadãos mais ativos, conscientes e envolvidos com a cultura esportiva e corporal ao longo da vida (PACHECO NETO, 2022).

Bracht (2023) destaca o tema educação movimento corporal, não qualquer movimento, é o movimento humano com significados, e que a corporeidade está presente nas aulas de educação física. A motricidade já não é mais biológica e sim histórica e social. O movimento humano tem repercussão sob as dimensões dos seres humanos, portanto os professores de educação física devem objetivar muito mais do que aptidões físicas, aprendizagem motora, destreza esportiva buscando contribuir para a formação humana, para as relações sociais e para a construção de valores, comportamentos e subjetividades por meio das práticas corporais.

Daolio (1989 apud DAOLIO, 1995, p. 90) destaca a importância do professor de educação física considerar os aspectos culturais presentes nas aulas, para que sua prática não se torne apenas

reprodução de modismos. Além disso, o professor deve reconhecer as diferenças culturais entre os estudantes, proporcionando uma aprendizagem motora mais significativa e relacionada à realidade dos alunos.

Dessa forma, compreende-se que a educação física escolar ultrapassa uma visão restrita ao desempenho físico e esportivo, assumindo um papel significativo na formação dos estudantes, nas relações sociais e na construção de sentidos a partir das experiências corporais.

4 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A MATRIZ CURRICULAR DO RIO GRANDE DO SUL

A matriz de referência da rede estadual do Rio Grande do Sul (2026), referente ao componente curricular de educação física para o terceiro ano do ensino médio, orienta o trabalho pedagógico a partir da cultura corporal do movimento e das diferentes práticas corporais. Entre os objetos de conhecimento propostos, destacam-se as brincadeiras e os jogos (populares do Brasil e do mundo, de matriz indígena e africana), os esportes (de invasão, rede e parede, campo e taco, marca e precisão), as ginásticas (de condicionamento físico e de conscientização corporal), as danças regionais, as práticas corporais de aventura (urbanas e na natureza) e as lutas (do Brasil e do mundo).

Essa perspectiva amplia a compreensão da educação física escolar, superando uma abordagem restrita ao desempenho físico e esportivo e valorizando diferentes formas de expressão corporal, participação e aprendizagem. A organização curricular proposta pela rede estadual está fundamentada em princípios como a transversalidade, a interdisciplinaridade e as expectativas de aprendizagem, articulando-se também às premissas da educação climática e justiça ambiental, do desenvolvimento socioemocional, da educação em direitos humanos e das relações étnico-raciais (RIO GRANDE DO SUL, 2026).

Nesse sentido, os conteúdos desenvolvidos nas aulas de educação física constituem elementos importantes para a formação dos estudantes. Segundo Luckesi (2011), os conhecimentos assimilados pelos educandos servem de base para o desenvolvimento de habilidades, hábitos e convicções, possibilitando ações mais conscientes e significativas. Para o autor, o processo educativo contribui para a formação de sujeitos capazes de desenvolver conhecimentos, valores sociais, morais e culturais, favorecendo sua formação integral.

Além disso, Luckesi (2011) destaca que o planejamento, a execução e a avaliação são elementos fundamentais para a efetivação dos objetivos pedagógicos. A avaliação, quando integrada

ao processo de ensino e aprendizagem é realizada de forma participativa, contribui para o desenvolvimento dos estudantes e para a construção de sua autonomia.

No ensino médio, especialmente no terceiro ano, a educação física também contribui para o desenvolvimento de competências socioemocionais relacionadas às dimensões pessoais, sociais e emocionais. Entre elas, destacam-se a curiosidade para aprender, a responsabilidade, a resiliência emocional e a empatia, aspectos que favorecem relações interpessoais mais respeitosas, a participação coletiva e o enfrentamento dos desafios presentes no cotidiano escolar e social (RIO GRANDE DO SUL, 2026).

Segundo Luckesi (2011, p. 145), "o desenvolvimento do educando significa a formação de suas convicções afetivas, sociais e políticas, [...] suas capacidades cognoscitivas e habilidades psicomotoras, enfim, sua capacidade e modo de viver". Dessa forma, os conteúdos socioculturais trabalhados na escola devem contribuir para a constituição de sujeitos ativos, críticos e criativos, possibilitando aprendizagens individuais e coletivas.

Nesse contexto, a educação física escolar valoriza a diversidade corporal e as diferentes formas de participação dos estudantes, considerando seus conhecimentos, experiências e possibilidades. Por meio de situações práticas e teóricas, busca promover a consciência corporal, o compartilhamento de experiências e relações mais colaborativas no ambiente escolar. Conforme Daolio (2011, p. 39), "atuar sobre o corpo implica atuar sobre a sociedade na qual esse corpo está inserido". Assim, as práticas corporais desenvolvidas na escola ultrapassam a dimensão física e esportiva, contribuindo para a formação social, cultural e humana dos estudantes.

5 METODOLOGIA

O presente artigo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza interpretativa, desenvolvida no contexto das aulas de educação física escolar. Segundo Minayo (2014), investigações qualitativas apresentam melhores resultados quando realizadas com grupos e contextos bem delimitados, considerando as experiências dos sujeitos, as relações estabelecidas e os significados presentes nas práticas sociais. Dessa forma, essa abordagem possibilita compreender as interações, percepções e experiências construídas pelos estudantes no ambiente escolar.

O estudo foi realizado em uma escola pública estadual localizada no município de Bagé, no interior do estado do Rio Grande do Sul, que atende estudantes do ensino fundamental, médio e técnico.

Participaram da pesquisa 15 estudantes matriculados no terceiro ano do ensino médio, no ano letivo de 2026, com idades entre 17 e 19 anos, sendo nove meninas e seis meninos.

Como procedimento metodológico, utilizou-se a observação participante, na qual a pesquisadora atuou simultaneamente como professora e observadora das aulas regulares, buscando compreender as experiências, as interações e os significados construídos pelos estudantes no decorrer das práticas corporais. A observação participante foi escolhida por possibilitar o acompanhamento das aulas em seu contexto natural, permitindo registrar comportamentos, interações e percepções dos estudantes ao longo das atividades desenvolvidas.

No contexto da educação física escolar, as práticas corporais compreendem diferentes manifestações da cultura corporal, incluindo esportes, ginásticas, brincadeiras e jogos, lutas, danças, entre outras possibilidades. Embora o estudo reconheça essa diversidade, o recorte da presente pesquisa concentrou-se nas práticas corporais esportivas desenvolvidas nas aulas. Foram observadas dez horas-aula de educação física, distribuídas entre os meses de março e abril de 2026, contemplando as modalidades de atletismo, basquetebol, voleibol, handebol e futsal. Cada modalidade foi trabalhada em aproximadamente duas horas-aula, sendo cada período composto por cinquenta minutos.

Como instrumento de produção dos dados, utilizou-se o diário de campo, no qual foram registrados, ao término de cada aula observada, acontecimentos, comportamentos, falas, emoções, formas de participação e interações estabelecidas entre os estudantes. Os registros também contemplaram as percepções da pesquisadora acerca das experiências construídas nas aulas de educação física.

A análise dos dados ocorreu por meio da leitura sistemática e interpretação dos registros produzidos no diário de campo. Inicialmente, foram realizadas leituras dos registros de cada aula, buscando identificar situações recorrentes e aspectos relacionados à participação dos estudantes, às interações sociais, às questões de gênero e inclusão, às percepções sobre o corpo e aos significados atribuídos às práticas corporais. A partir dessa leitura, os registros foram organizados considerando os aspectos que apresentaram maior relação com o objetivo da pesquisa, orientando a análise e a discussão dos resultados.

O estudo respeitou os princípios éticos da pesquisa, garantindo o anonimato dos participantes e a confidencialidade das informações produzidas durante a investigação.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos registros produzidos no diário de campo possibilitou identificar diferentes formas de participação dos estudantes nas práticas corporais desenvolvidas nas aulas de educação física. Durante as observações, foram identificadas diferenças no envolvimento dos alunos conforme as modalidades propostas, considerando aspectos como experiências corporais anteriores, relações estabelecidas entre os colegas, questões de gênero, condições materiais e a relação dos estudantes com o próprio corpo e com o desempenho nas atividades. Esses elementos orientaram a análise das situações observadas ao longo das aulas, permitindo compreender como as práticas corporais se constituíram como espaços de interação, aprendizagem e construção de significados.

Os apontamentos revelaram que as práticas corporais coletivas, especialmente o voleibol e o futsal, despertaram maior interesse dos estudantes. No voleibol, muitos alunos demonstraram conhecimentos prévios e domínio dos fundamentos técnicos, principalmente aqueles que já haviam participado dos Jogos Escolares do Rio Grande do Sul (JERGS). Essa familiaridade proporcionou maior segurança na realização das atividades, favorecendo a interação entre os colegas e o engajamento nas aulas.

Na perspectiva apresentada por Daolio (2011), a educação física deve reconhecer as experiências corporais que os estudantes constroem ao longo de suas vidas, compreendendo que essas vivências influenciam suas formas de agir e participar das práticas corporais. Como toda técnica corporal é também uma técnica cultural, sua adequação está relacionada aos objetivos e ao contexto em que é utilizada, e não à existência de um modelo considerado universalmente melhor ou mais correto.

Ao longo das observações nas aulas de voleibol e futsal, foram registradas falas que evidenciaram diferentes percepções e experiências dos estudantes em relação às práticas corporais. expressões como *"vem pro jogo"* e *"pediu bola para mim"* demonstraram envolvimento, interação e reconhecimento entre os colegas. Por outro lado, falas como *"eu sou muito ruim"*, *"eu não vou correr"* e "*vou estragar meu tênis"* revelaram inseguranças, resistências e preocupações que influenciavam a participação nas atividades. Também foram observados momentos de descontração, como na sugestão *"vamos jogar ping-pong"*, revelando a busca por práticas com as quais os estudantes possuíam maior identificação. Em relação às questões de gênero, percebeu-se que os meninos demonstravam maior segurança e participação inicial nas modalidades esportivas, enquanto algumas meninas apresentavam maior hesitação. Nesse contexto, a fala *"futsal não é para meninas"* evidenciou a persistência de

estereótipos de gênero no ambiente escolar. Contudo, ao longo das aulas, o incentivo do professor e o apoio dos colegas contribuíram para ampliar a participação dos estudantes, favorecendo maior integração, confiança e envolvimento nas práticas propostas.

Nessa perspectiva, Pacheco Neto (2022) defende uma educação física comprometida com a humanização dos sujeitos, afastando-se de práticas autoritárias e valorizando posturas dialógicas voltadas à transformação social. Nessa mesma direção, Neira (2018) ressalta a importância da problematização como postura pedagógica, possibilitando compreender e questionar discursos e representações socialmente construídas.

Outro aspecto identificado refere-se às diferentes formas de motivação e interesse dos estudantes pelas modalidades desenvolvidas durante as aulas. As observações revelaram que o envolvimento dos alunos variou conforme a prática corporal proposta. Em modalidades como o handebol e o basquetebol, alguns estudantes manifestaram resistência à participação. Essa percepção foi evidenciada em falas como *"basquete não, vamos mudar"* e *"jogo muito ruim"*, indicando menor identificação com essas modalidades esportivas.

De acordo com Pacheco Neto (2022), a relevância da educação física escolar está diretamente relacionada ao compromisso pedagógico assumido pelo professor. Nesse sentido, a atuação docente torna-se fundamental para criar estratégias que despertem o interesse dos estudantes, respeitando suas diferenças e favorecendo experiências significativas de aprendizagem.

No conteúdo de atletismo, foram desenvolvidas atividades voltadas à corrida de rua, ao salto em altura e a exercícios com cordas, modalidades que compõem os pré-requisitos para participação nos Jogos Escolares do Rio Grande do Sul (JERGS Integração). Entre as práticas realizadas, destacou-se uma corrida de aproximadamente dois quilômetros no entorno da escola, além de atividades relacionadas aos saltos e à preparação física.

Essas atividades também serviram como preparação para um evento escolar alusivo ao dia mundial da saúde, que reuniu todos os estudantes da instituição em uma corrida de rua realizada em torno da escola. Além de incentivar a prática regular de atividades físicas, o evento promoveu reflexões sobre saúde, qualidade de vida e bem-estar, ampliando o significado das experiências vivenciadas nas aulas de educação física.

Durante a corrida, observou-se que alguns estudantes concluíram todo o percurso correndo, enquanto outros alternaram momentos de caminhada e corrida. Essas diferentes formas de participação

demonstram que cada estudante enfrenta o esforço físico de maneira singular, considerando suas condições físicas, experiências anteriores e percepções sobre suas próprias capacidades.

Ao término do percurso, os estudantes expressaram diferentes sentimentos sobre a atividade. Alguns relataram cansaço e insegurança, afirmando *"corrida não é para mim"* e "*será que existe alguém pior que eu?*". Em contrapartida, outros demonstraram satisfação com o próprio desempenho ao comentar *"fui muito bem, tenho chances de chegar em primeiro lugar"*. Houve ainda aqueles que destacaram apenas o prazer de participar da atividade, independentemente do resultado obtido.

Essas manifestações demonstraram que as práticas corporais mobilizam dimensões físicas, emocionais e sociais, influenciando a maneira como cada estudante percebe seu corpo, interpreta suas capacidades e constrói sua relação com o movimento. As falas registradas revelam processos distintos de construção da autoestima, da autoconfiança e do sentimento de competência, reforçando que a educação física também participa da produção de subjetividades ao possibilitar diferentes formas de vivenciar o corpo e o movimento.

Conforme Pacheco Neto (2022), a educação física escolar deve promover práticas corporais que contribuam para a formação integral dos estudantes e para a compreensão do cuidado com o corpo e com a saúde. Nesse contexto, as experiências desenvolvidas durante a corrida possibilitaram aos alunos refletir sobre seus próprios limites, potencialidades e a importância da prática regular de atividades físicas, aproximando os conhecimentos científicos das interações construídas no ambiente escolar.

Durante as observações realizadas, também foram identificados fatores externos que interferiram diretamente na realização das aulas e na participação dos estudantes, como o frio intenso, o vento, a quadra molhada, o uso de roupas inadequadas para a prática esportiva e a falta de calçados apropriados. Na atividade de corrida de rua, por exemplo, observou-se que apenas um estudante utilizava tênis específico para corrida. Em dias de temperaturas mais baixas, alguns alunos demonstraram desconforto físico e desmotivação, aspectos que influenciaram o desenvolvimento das atividades.

Esses elementos revelam que a participação nas práticas corporais não depende apenas da organização pedagógica, mas também das condições materiais e das realidades sociais enfrentadas pelos estudantes. Nesse sentido, compreender essas limitações torna-se essencial para o planejamento de propostas pedagógicas que considerem as diferentes condições de participação presentes no contexto escolar.

Também foram observadas situações relacionadas ao bullying, à resistência ao cumprimento das regras e à ocorrência de falas inadequadas entre os colegas, exigindo intervenções constantes do professor-pesquisador. Esses episódios demonstram que as aulas de educação física constituem espaços de convivência nos quais diferentes relações sociais são produzidas e negociadas diariamente.

Nesse contexto, a mediação pedagógica mostrou-se fundamental para promover o respeito, o diálogo e a inclusão entre os estudantes. As situações observadas evidenciam que os discursos presentes nas aulas também expressam relações de poder e mecanismos de exclusão. Conforme Foucault (2014), o discurso não circula de maneira livre, sendo regulado por normas e relações de poder que influenciam quem pode falar, o que pode ser dito e quais discursos são legitimados em determinado contexto. Assim, as intervenções do professor assumem papel importante na problematização dessas práticas, contribuindo para a construção de um ambiente mais democrático e respeitoso.

Outro elemento importante identificado na pesquisa foi a valorização das práticas corporais como espaços de construção de experiências sociais e de produção de subjetividades. As aulas proporcionaram momentos de cooperação, superação, diversão, expressão corporal e interação entre os estudantes. Atividades como cabo de guerra e salto com corda favoreceram não apenas o desenvolvimento das capacidades motoras, mas também fortaleceram as relações interpessoais, o trabalho coletivo e o sentimento de pertencimento ao grupo.

Desse modo, os registros do diário de campo demonstram que as práticas corporais desenvolvidas nas aulas de educação física escolar ultrapassam o ensino técnico, constituindo-se como espaços de construção de identidades, socialização, inclusão e produção de subjetividades. Nesse sentido, Neira (2018, p. 75) destaca que os registros pedagógicos possibilitam identificar tanto as potencialidades quanto às limitações das práticas de ensino, favorecendo processos contínuos de reflexão e ressignificação da ação docente.

Os registros também indicaram a importância de propostas pedagógicas que considerem as diferentes experiências corporais, interesses e condições de participação dos estudantes. Nesse processo, o professor assume papel fundamental como mediador, criando possibilidades para que os alunos participem das práticas corporais de diferentes formas. Conforme Neira (2018, p. 77), os estudantes podem participar das aulas “sugerindo, experimentando, discutindo, produzindo, registrando, planejando”, ampliando a compreensão de participação para além da execução dos movimentos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das observações registradas no diário de campo, constatou-se que as práticas corporais desenvolvidas nas aulas de educação física escolar constituem importantes espaços de aprendizagem, socialização e produção de subjetividades, conforme discutido por Neira (2018), que destaca a cultura corporal como eixo central da educação física escolar. As diferentes práticas corporais esportivas trabalhadas (futsal, handebol, atletismo, basquetebol e voleibol) possibilitaram aos estudantes experiências relacionadas não apenas ao desenvolvimento de habilidades motoras, mas também à construção de percepções sobre si mesmos, sobre o próprio corpo e sobre suas relações com os colegas.

Algumas práticas corporais mostraram-se mais proveitosas, como o voleibol e o futsal, enquanto o handebol e o basquetebol apresentaram maior resistência por parte dos estudantes. No atletismo, verificou-se uma experiência mais heterogênea, na qual parte dos estudantes demonstrou não gostar da atividade, enquanto outros apresentaram maior interesse e satisfação.

Conclui-se que as práticas corporais desenvolvidas nas aulas de educação física com estudantes do terceiro ano do ensino médio possibilitam experiências diversificadas, marcadas por diferentes níveis de participação, interesse e resistência, influenciados por experiências prévias, condições externas e relações estabelecidas entre os estudantes. Nesse sentido, Pacheco Neto (2022) destaca a importância de uma educação física significativa, capaz de contribuir para a formação de sujeitos autônomos, críticos, solidários, éticos, cooperativos e conscientes das implicações do esporte na sociedade, considerando a mediação pedagógica como elemento fundamental para a construção de propostas mais inclusivas e formativas. Assim, as aulas de educação física constituem espaços de socialização, inclusão e produção de subjetividades, reforçando o papel do professor como mediador do processo de ensino e aprendizagem e na promoção do respeito, da participação e da convivência coletiva.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. Educação física e aprendizagem social. Ijuí: Editora Unijuí, 2023.

DAOLIO, Jocimar. Da cultura do corpo. Campinas: Papirus, 1995.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 407 p.

NEIRA, Marcos Garcia. Educação Física Cultural: inspiração e prática pedagógica. Jundiaí: Paco Editorial, 2018.

PACHECO NETO, Manuel. Educação Física brasileira: a corporeidade em questão. Dourados, MS: Editora UFGD, 2022. 169 p. ISBN 978-85-8147-184-6 (e-book). Disponível em: Portal de Livros Abertos da UFGD. Acesso em: 15 jun. 2026.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Educação. Matriz de Referência da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul: Ensino Médio – Educação Física. Porto Alegre: SEDUC/RS, 2026. Disponível em: https://ensinomediogaucho.educacao.rs.gov.br/. Acesso em: 18 maio 2026.